



ILUSTRACÃO PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

dição semanal do jornal «O SECULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
 PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
 EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO, 50 cavs.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha
 Trimestre €50. — Semestre 12€00. — Ano 26€00.
 COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 14€00 — Ano 28€00
 ESTRANGEIRO: Semestre 17€00 — Ano 34€00.

Redacção, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 19, LISBOA

QUEREIS RECORDAR UM PASSADO?

QUEREIS DESVENDAR UM MISTÉRIO?

PARA TUDO ENCONTAREIS RESPOSTAS CONCISAS E CLARAS

VINDE E TEREIS A CERTEZA



CONSTANCIA RODRIGUES

DAS 10 DA MANHÃ A'S 8 DA NOITE, EXCEPTO AOS DOMINGOS

LISBOA — RUA LO LORETO, 50, 2.º D.

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Accções	300.000\$00
Obrigações	285.220\$00
Fundo de reserva e amortização	380.000\$00
Escudos	1.024.220\$00

SÉDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marlanata e Sobrecilho (Tomar), Penedo e Casal de Hermito (Lousã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha), instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes—*Escritórios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princesa, 276. PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51.—Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:—Companhia Prado—N.º telef.: Lisboa, 665, Porto, 117.*



ANEMIA

DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
 Todos os Medicos proclamam que

• VINHO •
 • XAROPE • **DESCHIENS** (PARIS)
 de Hemoglobina

CURAM SEMPRE

Companhia de Seguros GARANTIA

Fundada em 1853—Sede no PORTO

(Edificio proprio)

Sinistros pagos até 31 de Maio de

1921—Esc 7.972.798\$76

CAPITAL MIL CONTOS

(Inteiramente realisado)

Effectua seguros terrestres, agricolas, industriaes, de automoveis, trespasses, maritimos e de minas.

SEGUROS DE VIDA

AGENTES:

José Henriques Tota, Ltd.

PARQUEIROS

Teleph. 533 e 1.589 central

LISBOA

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



D. MARIA MANUELA PINTO BASTO

Ilustre soprano lirica portuguesa

Ex.^{mo} Sr. Cronista que se pseudonima de "Sultão"

ELOGIO DE MAIO

Ao lér na *Hora* um artigo assinado por si e intitulado «Quando Orfeu vivia» não posso deixar de lhe fazer as seguintes considerações que, espero, para a outra vez tomará em conta:

1.º

Seria um grande favor para mim e possivelmente para muitos outros que o meu amigo passasse a fazer os seus artigos simplesmente á sua custa e não com o que é dos outros.

2.º

Quando se não sinta com forças para o conseguir, começando a singrar só e por seu pé nas letras—, tenha ao menos o devido respeito pelo que é dos outros e pelo que os outros fizeram, e transcreva integralmente tudo aquilo a que deitar a mão, sem lhe meter nada de sua casa, para não ficar peor a emenda que o so-neto.

Antes de mais, cumpre-me tambem diser-lhe que se enganou, supondo, talvez, que o articulista do *Povo* tivesse escrito e publicado tal artigo para meter a ridiculo a escola a que o mesmo artigo se referia.

Tal artigo foi publicado a pedido e instancias dos proprios maiores dessa moderna escola, como Fernando Pessoa, Mario de Sá Carneiro, Pedro Menezes, Antonio Ferro e outros, e foi antes um reclame, nunca uma cronica depreciativa dessa corrente literaria.

O que é curioso e que aqui registó é que tal artigo tinha de ser vitima da cubica dos amigos do alheio.

Logo á nascença teve de ser publicado no *Povo* precisamente para evitar um escamoteio eminente. Mas infelizmente depois de crescido, de entrado em anos, (ó que é mais grave) não escapou. Tinha de ser.

De resto sempre concordámos que este seu processo constitue uma maneira pratica, economica e pouco fatigante de fazer artigos.

E' talvez a socialização da propriedade... literaria.

O que apenas extranho é a anormalidade e o exotismo da sua memoria, porque afinal as suas reminiscencias simplesmente são vagas quando se esquece do nome do autor do artigo que transcreve quasi integralmente, sendo pelo contrario muito precisas tais reminiscencias para transcrever longos periodos do meu artigo, onde não falta sequer uma virgula.

Emfim, os extremos tocam-se.

Em certos momentos é uma memoria... memoravel, noutros, porém, é uma memoria... de galo.

Finalmente, e como ultima recomendção, queira o meu amigo... de Peniche, ter ao menos para a outra vez, um pouco mais de cuidado com as gralhas, visto que nesta involuntaria sociedade que me obrigou a contrair consigo, só o meu amigo tem a gerencia, apesar de eu ter a maior parte do capital.

E já que isto é nosso, se o meu amigo afinal se aguentar no balanço veremos no fim quais são os lucros...

Se confessa sempre ao seu dispôr

O autor do artigo que o meu illustre quão desconhecido amigo copiou e em varios pontos estragou... sem pedir licença.

É agora precisamente que maio está a ir-se embora, que maio nos deiza, entre a saudade das petal-as e a grande e embaladora beatitude do sol, é agora que me apetece fazer o elogio de maio; falar dos jardins de Lisboa que em maio se paramentam de seda para rezar a missa olimpica e vitoriosa da frescura; falar das casas de Lisboa que em maio se enchem de uma alegria de renascença, com as vidraças inundadas de clarões e as trepadeiras em flôr a emoldura-las de caricias; falar dos ceus noturnos de Lisboa, tapeçarias d'ebano onde se joga, inquieto e sortilego, o bailado loiro das estrelas; falar do Tejo gritante, que em maio ganha uma esmaltada festa de claridade e de fulgancia; falar das ruas de Lisboa, que em maio se alegam de um bulicio feliz, toilettes claras, manchas de saude e adolescencia, estandartes a correr sobre os asfaltos, como procissões d'arco-iris; e falar, finalmente, nas mulheres de Lisboa, milagres de maio, corolas de maio, mulheres que nascem e morrem em maio, que só em maio se vestem, para nós, das tunicas fantasticas do desejo e das tentações enigmaticas da mocidade!—Gabriel d'Alencar.

Foi recentemente fundada em Madrid, a Sociedade dos Amigos de Portugal. E' uma attitude de admiravel camaradagem peninsular, que honra a Espanha e que a nós nos lisongeia. Para responder devidamente a esse movimento simpatico, José Pacheco, o artista conhecido e apreciado, um dos valores melhores da geração nova, propôz, na Sociedade de Belas Artes, a fundação d'uma Sociedade de Amigos de Espanha. E' claro que a proposta foi aprovada por unanimidade. E, para se acordar sobre as bases d'essa organização vão reunir-se em breve as mais graduadas figuras do nosso meio intelectual, sendo tambem convidados e uvidos todos os directores de jornaes e de revistas de Lisboa.

Por absoluta falta de espaço não pôde a *Ilustração Portuguesa* publicar n'este numero, a sua habitual «Entrevista da Semana». E igualmente nos é impossivel dar neste numero a critica ás ultimas recitas de Cora Laparcerie, escrita por Luiz de Montalvo, com desenhos de Ary e fotografias—e que publicaremos no proximo numero da *Ilustração*

Um ultimo eco das *blagues* que se fizeram a proposito da companhia franceza de Cora Laparcerie. Na segunda recita—La danseuse Rouge, de Charles Henry Hirsch—alguem dizia, n'um sorriso:

—Quem deve estar radiante é a Laura Hirsch... Representaram-lhe, em francez, uma peça de uma pessoa de familia...

Por um lapso lamentavel, na *Pagina Infantil* do nosso numero passado, saiu, no final, *ilustrações de Raquel de Barros*—quando os desenhos eram da illustre artista Raquel Gameiro Ottolini, um nome bem conhecido no nosso meio d'élite.

Realisa-se no proximo dia 30 a primeira audição das obras de Ivo Cruz, compositor moço de grande valor.

A MORTE DE GRANERO

NA PRAÇA DE MADRID



O riso de Granero



NA história da Espanha luminosa e sensual, a Espanha que beija, que se enche de sol, e olha a morte frente a frente, num *requiebro* de elegância e galanteria, há mais uma vítima a contar.

Granero, que tinha só vinte anos, olhos cheios de luz, e era elegantemente ousado, encontrou a morte nas pontas recurvas d'um touro, na praça de Madrid.



O primeiro momento da colhida

Foi um instante rápido como um relampejar de luz vermelha. O corpo volteou, o sol ardia, o touro agitou enraivecidamente a fronte e o sangue esfolhou-se na arena, como húmidas pétalas de rosas d'Andaluzia.

Houve um grande grito de dôr feito de milhares de gritos, e todo um fremito de lucto passou pela Espanha luminosa e sensual...



Granero nos primeiros momentos da morte



A condução do-cadaver à enfermaria



A M Ô R C R I O U L O

COMO E PORQUE ESCREVEU ABEL BOTELHO
A NOVELA «AMOR CRIOULO»—(«VIDA ARGENTINA»), QUE NÃO CHEGOU A TERMINAR. O DIS-
FARCE DE UM GRANDE AMOR

O FINAL DA OBRA: — UM SUICIDIO E UM REMORSO

(CONTINUADO DO N.º 847);

D ESENHO um caixão, coberto com uma parra, descendo a cova. Ao lado, via-se Abel Botelho chorando e, por baixo, havia os seguintes dizeres:—«Ruborizada a policia poz uma folha de parra á obra do Sr. Abel Botelho, excesso de honestidade em tapar as escabrosidades de uma obra que já tinha sido conduzida em caixão á cova!»

Saimos do café. Cá fóra, o frio irritava os «sabañones» (frieiras) dos que não estavam ainda aclimatados e formavam-se grupos defronte dos largos expositivos envidraçados dos livrinhos onde a «Fruta do Tempo» e o «Fatal Dilema» ocupavam logares de destaque. A meio da «Calle Florida» cortei o silencio interrogando: «Oh Abel Botelho, quem era aquela velha que, em Lisboa, lhe deixou uma herança e em cuja biblioteca foram encontrar o «Barão de Lavos» e o «Livro de Alda» carinhosamente encadernados em pergaminho?»

—«Sei lá! Alguma creatura com paladar exquisito...» — respondeu-me sorrindo.

Mal chegámos á Legação Portuguesa escreve duas linhas sobre Buenos Ayres e deu-mas, como lembrança do nosso encontro, all, longe da terra que nos vira nascer. Segui depois para o Paraguay, Matto Grosso (Brazil) e Bolivia. Escreveu-me ainda para Rosario de Santa Fé mas nunca mais o vi, nunca mais lhe falei. Chegou apenas ao meu conhecimento que continuava galanteador, enamorado por uma jovem crioula que se apaixonara por ele e que la adeantadissima uma novela baseada sobre o tal amor.

Alfredo Duhau, escritor uruguaiano, grande admirador de Eça de Queiroz, formoso espirito ao serviço de «El Diario» argentino, de quem é director em Buenos Ayres, falára-me tambem e muito entusiasmadamente nessa novela em preparação.

Duhau teve na sua estrela no «Politeama» portenho, com o drama «Honorina Planchard» traduzido por Adelaide Tessero Guidone que, com Riskori e Pezzanes formava a triologia tragica da Italia desse tempo. Era um grande amigo de Abel Botelho e fez-me, por isso, revelações interessantes cuja repetição, embora, abreviada, conseguí provocar na seguinte carta:

«El Diario»—Mi distinguido Dr. Monteiro:
He tenido el placer de recibir sus amables palabras recordando-me nuestra agradable entrevista en casa de Dos Reis, hace años. Tengo bien presente nuestra conversacion y su persona, y me ha sido sumamente grato tener noticias suyas. Mi intervencion en la novela del ilustre amigo Botelho que tanto me honraba con su afectuosa amistad, fue la que Ud. dice, traducir las expresiones locales del dialogo y suministrar-le algunos datos sobre el ambiente que bien que él lo hubiera estudiado con aquella su genial comprension, pedia algunos esclarecimientos. Se publicó esse libro? No tubo más noticias de él.

Se que se enviaron á la esposa del Sr. Botelho los papeles de su difunto esposo, y despues nada más sube. La Legacion de Portugal toió poco despues en un periodo que no fue nada favorable á esas investigaciones. Del paso del Sr. Botelho por Buenos Ayres puedo decirle que fue bien fe-

cundo para hacer conocer aqui el espíritu y las tierras portuguesas.

Tenia aquel eminente escritor ganado un sitio excelso en los círculos intelectuales. No sólo su talento, sino tambien su bondad, su cortesia, sus calidades de experto mandano, le ganaron la simpatia y las consideraciones generales. Su muerte muy sentida fue una perdida para nosotros, perdida irremplazable. Yo sigo siempre colaborando en «El Diario», haciendo la vida del periodismo activo.

He abordado en los últimos años mucho el teatro con mis plazas La dote, La murruración passa..., Izabel, Sábado Inglés, Tarjetas de Pesame, El marido de la viuda y otras. Han sido muy bien acogidas por la critica y el publico. Nuestro teatro avanza, bien que luche, y es un vecero de proechos pecuniarios. Botelho gustaba mucho de mis piezas e aun me habló de traducir una al portugues. No alcancé á tener esa honra, pues á pouco se enfermó y tuvo que dejar toda tarea intelectual. Retrato mio no tengo á mano, razon por la cual no le remito, agradeciendole entero, sus propositos de amistad. Aqui en Buenos Ayres, en Pellegrini 730 estoy siempre á sus ordenes. Mande Ud. á su criado que tendrá mucho gusto en recibir sus noticias.

Deseandole prosperidades le salude y le salude. Alfredo Duhau, Buenos Ayres, Diciembre 7, 1920



Vê-se pois e bem claramente, nesta carta, que Abel Botelho recorreu ao director do «El Diario», seu amigo, para lhe retocar a novela que estava escrevendo e para o elucidar sobre o ambiente argentino que já havia estudado mas que temia não reproduzir com a fidelidade desejada.

Além da confrirmação que nos dá sobre o prestigio de que Abel Botelho gozava, sobre o seu feticto, o pezar pela sua morte e as investigações que se fizeram para alcançar o resto do trabalho em preparação.

Duhau traça, em duas palavras, o progresso do teatro argentino, e dá-nos uma novidade:—Botelho tencionava dedicar-se á tradução de uma peça daquelle brilhante jornalista e dramaturgo.

Nessa bela Argentina, a «L'Argentina telle qu'elle est» que Paul Walle nos descreve e não a «La Argentina que yo he visto» que Gil de Oto procura, em vão, deprecar, a morte do ministro português, o escritor aplaudido, foi, de facto, sinceramente sentida. Quando o presidente da Camara dos Deputados, transmitiu a noticia, em 25 de abril de 1917, logo, um voto de pezar, unanime, surgiu a juntar-se á tristeza geral.

O cadaver foi depositado no Pantheon da Sociedade Portuguesa de Socorros Mutuos e, em 28 de abril de 1918, o Centro Republicano Português da grande capital platina colocava, sobre a catacumba, uma lápide marcando o nome já consagrado por povos de aquém e de alem mar. O governo argentino ordenou que a bandeira nacional se conservasse em funeral, a meio pau, o ministro dos estrangeiros fez-lhe prestar honras militares correspondentes a general de divisão, e, perante o féretro, desfilou toda a colonia portuguesa, o ministro dos estrangeiros o coronel Martinez, chefe da Casa Militar do Presidente da Republica. Foi desusada a impoençia de que se revestiu o enterro.

O proprio presidente Irigoyen incorporou-se no prestigio e, em nome do governo, foram exaltadas, no cemitério

terio, as superiores qualidades desse diplomata e escritor português. «O Seculo», dizia, em Lisboa, a 26 do mesmo mez e ano:—«O Ilustre escritor estava trabalhando num romance «Amor crioulo», de que se conhecem alguns capitulos».

João Grave, na «Nota final», do «Amor crioulo», incompleto, com 412 paginas, editado, em 1919, pela Livraria Chardon, diz, com data de 28 de Julho, que essa novela, entre todos os trabalhos de Botelho, era porventura aquelle em que pôs mais devotado carinho, mais emoção, mais orgulho de raza».

Por minha vez, em 18 de Junho de 1917, dois mezes depois da morte do autor do «Barão de Lavos», falando na «Noite», do Rio de Janeiro, sobre a referida novela, dizia isto, pouco mais ou menos:—«Esse manuscrito, apenas conhecido, em parte, por um numero muito restricto de amigos, deve ser publicado, completo ou incompleto, esteja como estiver, á imitação do que se fez com as «Despedidas», de Antonio Nobre, para maior honra e brilho das letras lusitanas. Sei quanto carinho ele pôz nessa obra e quanto desejava apresental-a como a melhor e mais perfeita entre todas as suas».

O «Amor crioulo» foi publicado. Mas quem o lêr saberá ou poderá por acaso, adivinhar toda a verdade que tal livro contém? Oferecido a Brito Camacho (talvez por ser o politico amigo que influenciara na escolha do nome do autor para o elevado cargo diplomatico que occupava) embora com o sub-titulo de «Vida Argentina» e cheio de «argentínismos», de «castelhanismos» como «angosto», «tonadas», «paraguas», «tonterias», «ventanilla», «picaramente», «dinheiral», «cambiará», «quitar», «derroche», «ha que charro», «fanfurrías» etc, estrangeirissimos esses que o convívio e o ambiente justificavam, o «Amor crioulo» é um poema em prosa, de sentimentalismo luzitano, que raros compreenderão em toda a sua angustiada realidade. Porque o «Amor crioulo» não é mais do que um daguerrotipo do proprio sentimento do autor, Vestindo-lhe as roupagens dum estilo elegante, fazendo um estudo consciencioso do viver buenaiense e da vida que se passa nas «estanelas» e «ranchos», entrando até em comentarios de arte portenha, Abel Botelho apenas quiz immortalizar nesta sua obra o grande affecto que soubera inspirar á argentina Aurora (que é «Luiza» na novela). Fez da personagem «João Silveira» um «outro eu» e, para o disfarçar, emprestou-lhe uma ferrenha fé monarchica que elle autor não possuia pois sempre atacára a monarchia nas obras que produziu. A historia triste que foi o germen da postuma «Amor crioulo» pôde ser contada, quasi que telegraficamente, em meia duzia de palavras. Abel Botelho voltava, certa noite, a pé, do «Cólon» (onde assistira ao «Barbeiro de Sevilha») para o «Magestic», quando encontrou, na «calle Talcahuano», uma creoulita «morucha», uma morena graciosa que se arrastava chorando. Impressionado por essas lagrimas entabou conversa e informou-se logo de que Aurora fóra escorçada de casa de uma irmã por não querer continuar a manter relações com um ébrio amigo de seu chunhado e imposto por este a tão amarga convivencia. Sabendo-a com fome, levou-a a um restaurante na mesma rua, esquina da «Plaza Lavalle». Foi tal o appetite e manifestou-se tão sincera a gratidão que o escritor realista, por mera generosidade, foi hospedar a sua protegida num hotel da «Calle Vitoria» e, mais tarde, em casa de uma familia que conhecia em «Corrientes», entre «Cerrito» e «Carlos Pellegrini». A scena, embora envolta em fantasia, vem descrita a paginas 365 da novela. Da convivencia resultou a intimidade que era de esperar e a bela argentina depunha toda a sua alma, cheia de gratidão e puro affecto, ao minimo gesto do seu protector cujo nome e posição social ignorava por completo. Só veiu a saber-a, quando, uma vez, Abel Botelho veiu a Portugal e os jornaes argentinos publicaram a sua fotografia. Abel Botelho recebeu então em Lisboa uma carta em que, por essa descoberta, se revelava o recelo de nunca mais o vêr dada a sua alta categoria e o aborrecimento em que facilmente viria a cair. Não se enga-

nava a pobresita. No regresso de Abel Botelho a Buenos Aires ainda o foi esperar, no caes, com sua irmã, com a qual fizera as pazes, em trem fechado, para não perturbar o círculo official das boas vindas e mandou-lhe entregar um ramo de flores que o romancista aceitou sensibilizado prometendo visital-a daí a horas. Essa noite foi para ela um dia de alegria.

Mas, dentro em pouco, as visitas rarearam e Aurora teve que provocar um encontro noturno, em plena rua, quando Abel Botelho se dirigia para o «Palace Teatres». Do dialogo travado saíu sangrando o coração da apaixonada morena.

E' neste ponto que o escritor deixou, a paginas 412, a sua novela por terminar, essa novela tão forte de colorido, de psicologia e de ambiente local, tão impregnada de amor á patria portugueza, através da guitarra que poz a bordo do «Almeria» e dos comentarios que a sua pena soube encher de maravilhas.

João Grave, encarregado de revêr a novela e dal-a á publicidade, —como fez, diz-nos que o livro ficára incompleto e que foram infructíferas todas as pesquisas, realizadas para encontrar-lhes o fim, tanto em Lisboa como em Buenos Aires. Confirma deste modo, a carta de Duhau. E mais se harmonisam os dois escritores quando afirmam que a doença que victimou Abel Botelho não o deixára terminar o «Amor Creoulo». João Grave acrescenta:— «A acção do romance estava em pleno desenvolvimento quando o braço do seu auctor caiu desfalecido».

Adivinha-se, no entanto, o desfecho do «Amor Creoulo» pela leitura dos coloridos nervosos e movimentados episodios em que a sua tessitura se desenha vigorosamente e o conflito sentimental se estabelece.— «E' facil, na verdade, adivinhar qual o procedimento futuro de «Luiza».

Todavia é mais difficil prever o que Abel Botelho faria de «João Silveira», a sua incarnação na novela, perante a morte de Aurora. Cabe-me a missão de levantar o véu daquelle amor infeliz, apenas em referencia ao final da acção, que Abel Botelho estilizou com desusados esplendores. Vendo-se desprezada, Aurora foi para a sua nova habitação e ingeriu sublimado. Chamado, a toda a pressa, Abel Botelho compareceu mas já a Assistencia havia retirado dali a desvairada crioula. O romancista aproveitou então o ensejo para procurar e guardar consigo todas as suas cartas intimasantes que viesse desvendal-as a curiosidade espalhafatosa dos jornalistas. Aurora foi internada num hospital e só teimava em viver para o seu amor agora que lhe enviavam novas esperanças, por terceiras pessoas.

Porque Abel Botelho nunca foi vel-a. Contudo, tocado pela grandeza daquelle grande amor, tinha combinado com os esposos Buehnofer (que adotára o sobrenome de «Parodi» durante a guerra) atagar uma casa de mais recato e maior agasalho para Aurora ir viver logo que se restabelecesse. A morte, porem, levou-a quasi ao mesmo tempo que o romancista recebia de Lisboa, de um medico amigo, julgo que o Sr. Dr. Moreira Junior, a noticia do falecimento de sua filha. E foi com as lagrimas nos olhos que, em casa de Julia Parodi, o auctor do «Amor Crioulo» lamentava o acaso sinistro.

Acostumou-se então a ir, todos os sabados, visital-a casa de chapéus na «Calle Florida» onde estava Maria Vitale, amiga de Julia Parodi, que era de uma rara semelhança com a argentina morta. E todas as semanas levava um ramo de flores que collocava sobre o jazigo de Aurora. Aquele sacrificio extranho, motivado pela sua aspereza, abalára-o profundamente. Quinze dias antes de morrer, Abel Botelho, dominado por maus presagios, disse Vitale que não duraria muito e adeantou: «Dizem os medicos que tenho tudo muito forte! Sim, tudo, menos o coração!» «O Amor Creoulo», sendo o eterno epitafio de «Aurora» transformada em «Luiza», deu talvez a morte a «João Silveira» quando este voltou a ser Abel Botelho que o creára, fícticiamente, á sua imagem e semelhança.



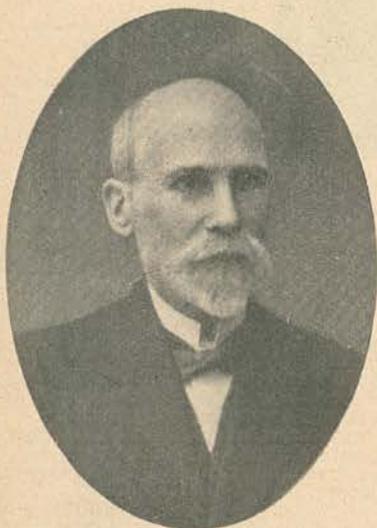
MARIO MONTEIRO

Da Academia das Sciencias de Portugal

O NOVO MINISTRO DA POLONIA



O sr. Ortowski, novo ministro da Polonia em Lisboa, saindo do Palacio de Belem, depois de apresentar as suas credenciais ao sr. Presidente da Republica



O grande sabio e professor dr. Gomes Teixeira, que acaba de ter em Madrid, por occasião do seu doutoramento, uma homenagem notavel.



O distinto escultor Antonio da Costa, que expôs no Salon de Paris um «Torse de femmes» muito elogiado pela critica. Foi laureado nas Belas Artes e vai expôr brevemente, pela segunda vez, no Rio de Janeiro.



Alice Rey Collaço na sua exposição

A L I C E R E Y C O L L A Ç O

ALICE REY COLLAÇO — d'aquela admiravel familia d'artistas que teem marcado, no nosso meio, como afirmações fulgurantes e excepcionaes — acaba de abrir a sua exposição. Alice Rey Collaço, que vive longe das vaidades, das intrigas e dos snobismos, consegue tornar muito pessoal e muito inteligente a sua obra, que nos encantou pela sua frescura, pela sua elegancia e pela sua linha genuinamente portuguesa.



Um dos trabalhos expostos d'Alice Rey Collaço

Alice Rey Collaço não segue escolas nem grupos. É uma independente e uma luziada, dando, com a maxima originalidade e com a mais esbelta graça, a essencia enternecida e lirica da Raça. A *Ilustração Portuguesa* saúda a artista com admiração e esperança — certa de que a sua homenagem é toda feita de comovida sinceridade, a comovida sinceridade com que nós a pres-tamos sempre a tudo quanto é belo.

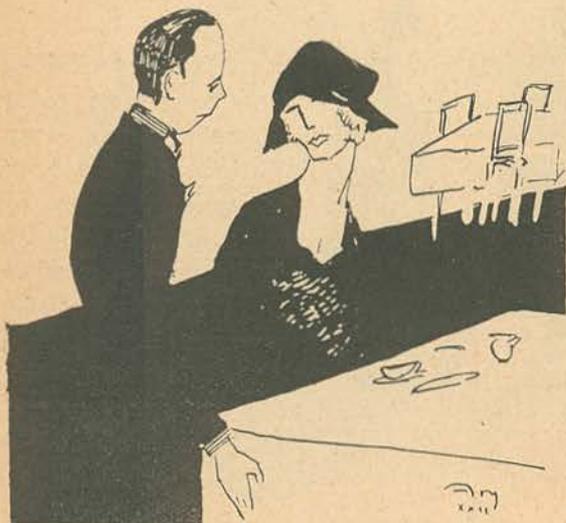
A SEMANA HUMORISTICA



—O que me diz você da situação da Rússia?
—A Rússia, para mim, é um dicionário de rimas:
Kropotkine, Pouckine, Lenine, Krassine, Tchitcher-
ne...



—Ouve: traz-me-uma *groselle*.
—Com sôda?
—Não senhor, com rapidez.

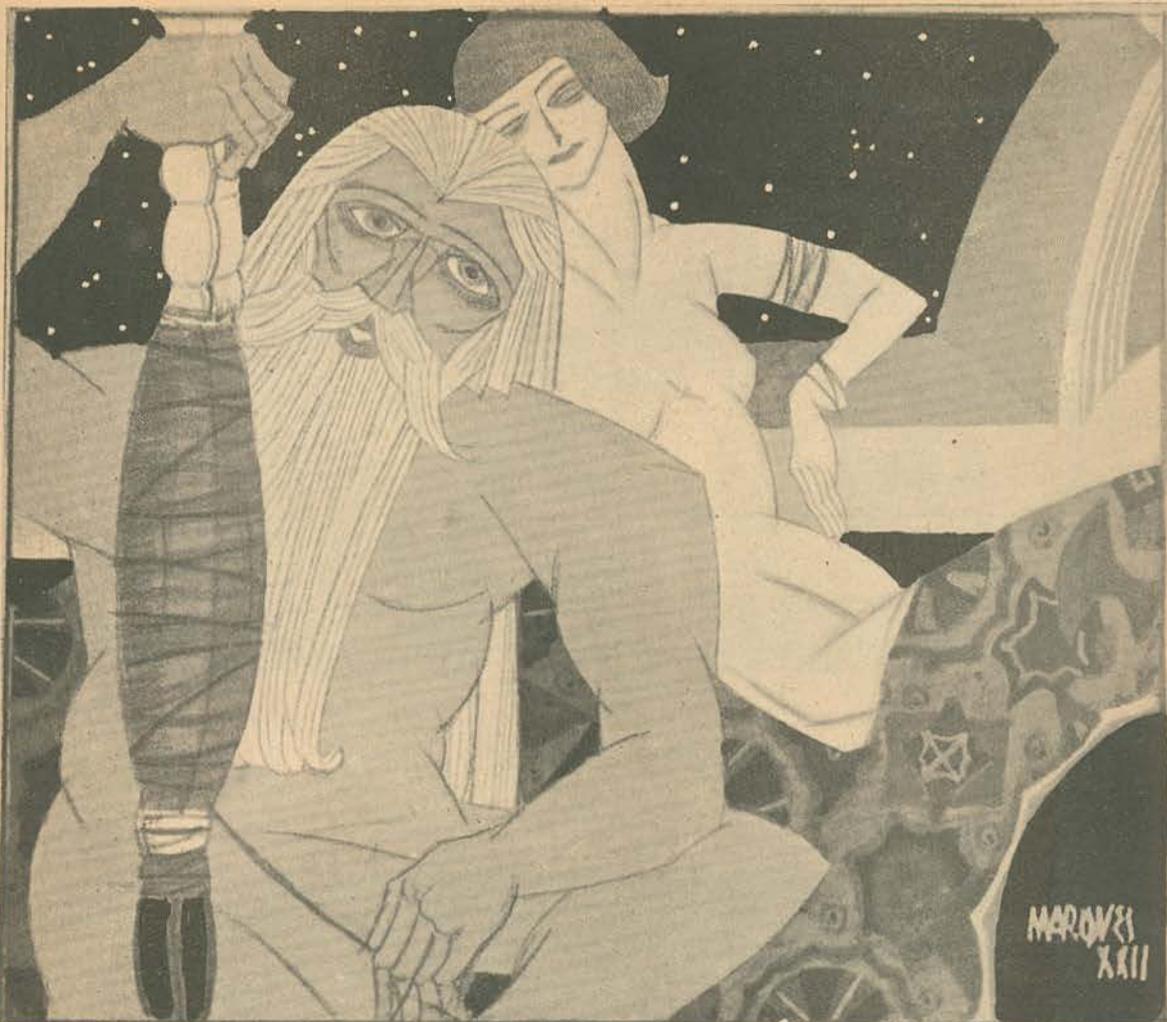


—E que tal achou a Cora Laparcerie?
—Muito monotona, falando sempre em francês...



—Vamos atravessar o Chiado...
—Não te deves esquecer... É preciso que
toda a gente perceba que temos muito dinheiro...

(Desenhos de Dias Sancho e Ary)



HERCULES FIA . . .

Rendido aos pés de Omphale, Hercules fia...
A sua força enorme está captiva
De outra força maior, mais decisiva,
Força ardente que o perde e que o transvia.

Uma mulher que engane e que sorria...
Que importa o mais? Eterna força viva,
Que ora segue e procura, ora se esquiva,
Que perturba, que atráe, que desafia...

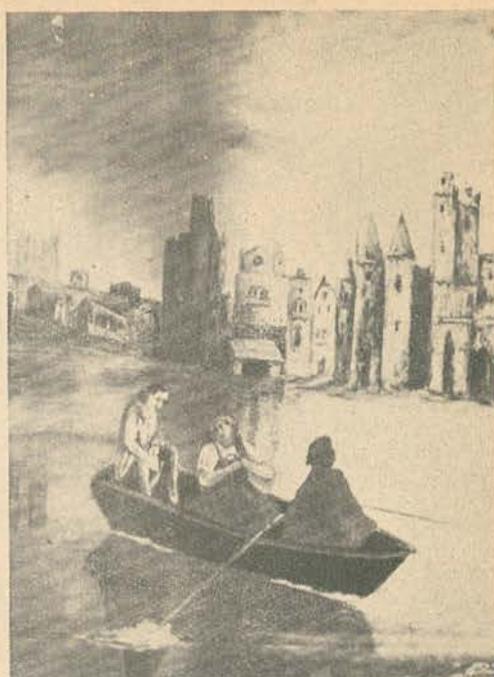
Hercules ou Samsão, treme, obedece...
Muito pode a mulher! Vence, domina
E torna fraco o homem que enlouquece...

Tem o meu coração mais alta sina :
Só por que te quer bem despreza e esquece
A natural astúcia femenina.

(Desenho de
Bernardo
Marques)



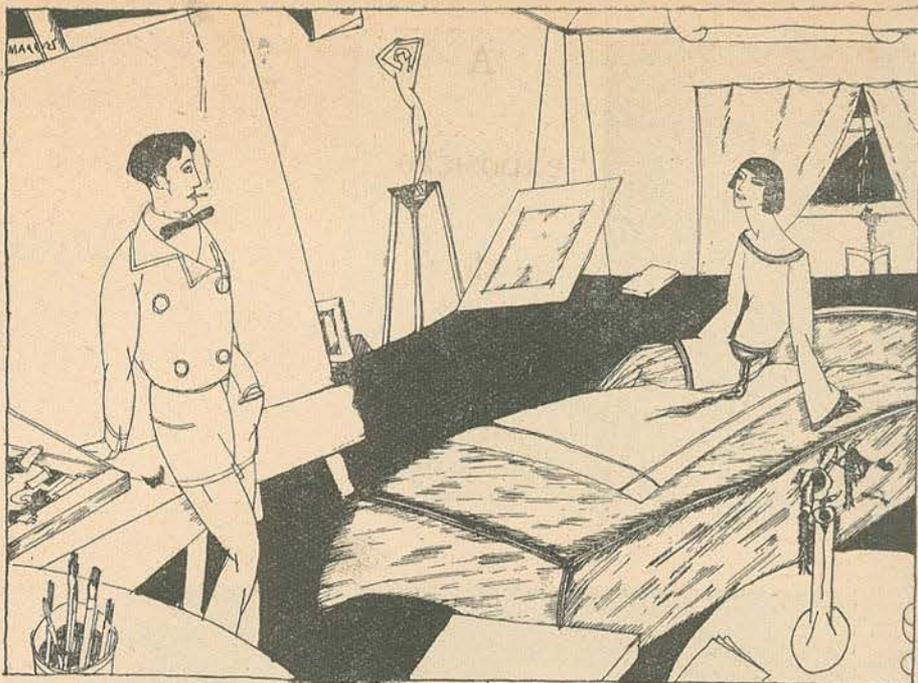
A
exposição
do
pintor
Henrique
Véron,
no



S A L Ã O B O B O N E



O pintor Henrique Vêron, entre os quadros da sua exposição, no *Salão Bobone*



Para
o
Antonio
de
Menezes

Desenho
de
Bernardo
Marques

O P R I M E I R O C A P I T U L O . . .

Pelas vidraças espelhantes, ressumantes de luz, entrava, flutuava, o grande encantamento placido da tarde. Últimos reflexos lourejavam, tremebrihavam nos cristais—emquanto, lá fóra, a cidade ia quedando, aquietando, calando-se, n'um esbater de ruídos, como uma babilônia em agonia...

Perdido entre a penumbra d'aquela canto d'atelier, Godofredo concentrava-se, torturava-se. Era uma alma estranha e mistica de eleito, superiorizada ao nível, ascencionalmente scismadora. Ancias, ambições largas de celebridade, audacias inéditas de ideias incendiavam-no intimamente, inflavam-no do desejo viril de glorificar-se, de erguer-se, ás atitudes maximas e epicas... Ha muito já que nos seus volumes mansos de poemas, cheios d'irrealidades e de simbolos, num ritmo d'espasmo e de veludo—se consagrara, se destacara, o seu perfil literario de esteta. Ha muito já que o seu nome se marcara, entre os raros isolados da arte, para a devoção dos morbidos e dos aristocratas. Mas Godofredo queria subir, planar, mais além. Do seu longo desejo, concebera uma novela definitiva, onde a sua arte se fixasse, se gravasse para sempre, no alto-relevo d'as incontestaveis supremacias. Essa novela seria a impulsionadora do seu destino, a que lhe abriria, no clarão azul das revelações, a redoma suprema do genio.

Mas Godofredo, cujo espirito ávido, cuja sensibilidade vibratil, tinham, no fundo, marés altas fervorosas e fecundidades latentes—Godofredo não chegava a principiir nunca a sua novela, por falta de confiança em si, com medo de a inferiorizar ao que imaginára. Ha mezes já que o seu corpo esbelto, emagrecido pelo cerebro, se isolara, na funda meditação que devia gerar, acender, a imensa claridade da obra prima. E nunca, nunca! a chama não vinha fluir, alargar-se, florescer. Faltava-lhe qualquer impeto, qualquer estímulo. A vida negava-lhe os pômos loiros do triunfo. Furtava-se-lhe, impalpavel, a consolidação da sua obra. E, por isso, Godofredo se curvava, n'uma plastica de dor e de suplicio, n'aquela tarde calma, de magestática beatitude, repousada, alourada, adormecida...

N'um movimento maquinal, acendeu a luz, a luz do candieiro abat-jourado de vermelho, que veio pôr, sobre as coisas e os recortes, patines transfigurantes de purpura. N'aquela momento, a cabeça do artista desenhava-se, no rastro quente da cõr—tomava uma beleza leonina, com rebeldias loiras na cabeleira em onda, com rebeldias doentias no

olhar fixo, no olhar distante, no olhar dolorido, no olhar quasi viuvo...

E foi esse o momento em que surgiu, detraz dos resposteiros lilazes, como dos bastidores d'um imperio estranho, uma figura evanica, liriada de talhe, os labios acerejados como certos meio-dias latinos. Era uma esguia mocidade, elastica e quebradiça. Tudo, n'aquela epiderme, alvorava, açoitava sorvia luz, tudo sorvia vida. Mas o sorriso era doloroso, sombreado, quasi contraditorio. Dir-se-hia que, sobre esse desabrochar rubro, tinha caído um eclipse do sol, de espontaneidade, de flama...

Godofredo, por instinto, sentiu a presença nova. E voltou-se. E teve, na sua expressão, um retraimento de surpresa :

—Tu?!

—Eu. Tinha que vir ao teu encontro. Os disfarces acabaram...

Deu mais uns passos baloiçados. Afundou-se n'um divan fundo, envolvente, que a cingia toda como uma presa. E, dos labios acerejados, lançou-se, evolou-se, uma confissão veemente, fervorosa:

—Godofredo, eu já não sou nada na tua vida. Ao meu isolamento, foste buscar-me, para me fazer conhecer a beleza sensual da tua arte. Aclamaste-me a eleita, a unica, a agitadora dos teus nervos de creador. Levantaste-me ao alto como um troféu. E eu embriaguei-me de orgulho. Senti-me, erguida por ti, qualquer coisa d'intenso, de formidavel. Tive azas dentro de mim, as largas azas que o teu sonho me alargou—azas vitoriosas, azas magnificas... Mas surgiu a tua ambição. Concebeste o maior vôo, o vôo doído, infinito... Olhos perdidos nos cimos, esqueceste-te de mim. E, agora, eu, na tua vida, sou a figura que hostiliza, que aborrece, que desagrada. Do nosso idílio purificado, com a sagração luminosa da espiritualidade—nada te ficou, nada quizeste que ficasse. Sofri, senti, tomei um partido. Vou perder o amor proprio. Vou suicidar a minha linda epoca d'olhos vendados. Aqui me tens, toda tua, toda para ti. Venho oferecer-me, sem condições, para conseguir triunfar da tua arte.

Um ultimo espasmo fulvo veio bater, alacrizar-se, sobre a cabeleira loira. Godofredo levantou-se, anelou-a entre os seus braços e rezou-lhe devoto, com a voz de joelhos:

—De hoje em deante, tu e a minha arte confundem-se. Deste-me o primeiro capitulo—tu que és a minha novela inteira!

JOÃO AMEAL

Do livro inédito a aparecer *Baile de Máscaras*

“ATLANTIDA”

A eterna vitória da Esfinge.

O amor, a morte
e o misterio



PIERRE BENOIT é um dos maiores romancistas europeus do nosso tempo. Ele conseguiu aliar o prestígio da aventura e do inverosímil com as exigências literárias da cultura moderna. A *Atlantida*, o seu grande romance, que teve um sucesso enorme, acaba de ser adaptado em film. E' dessa monumental obra cinematográfica que hoje reproduzimos algumas fotografias.



A *Atlantida*, é uma curiosa fantasia, que só uma imaginação formidável poderia crear. A ilha dos *Atlantes*, a fabulosa terra de riquezas, de maravilhas e de scenografias exóticas, levanta-se no meio do Deserto, no extremo do Hoggar, o paiz do medo, o paiz da sede e do enigma. E' nessa *Atlantida* imaginária que se passa o romance de Pierre Benoit admiravelmente posto em scena pelo cinema.



DOIS officiaes francezes atravessam o deserto em exploração scientifica e, por um conjunto de casualidades, são levados até aos dominios de *Antinea*, a princesa descendente dos Atlantes remotos, e que como uma nova Cleopatra, é uma insaciavel voluptuosa, seduzindo os estrangeiros que caem sob o seu poder e que depois morrem do seu esquecimento e do seu desdem. Os dois officiaes acham-se envolvidos tambem, sem querer, no rastro de tragedia sensual que essa mulher estranha espalha á sua volta... E é este o tema da *Atlantida*...



AS GRANDES NUPCIAS

A primavera andava no ar, em plena maturidade. Ao seu influxo divino, ao seu hálito criador, despertava, rejuvenescia, enchia suas veias de sangue novo, de seiva rica e potente, a natureza inteira: a terra e os homens remoçavam suas vidas. A terra sonhava—nasciam nos campos flores e frutos; os homens floriam—brotavam nas almas sonhos e quimeras.

Herminio tinha a sua alma florida como um horto de maravilha: quimeras e sonhos não lhe deixavam a descoberto um migalho de chão. Não o ofendera com a sua ausência a fada primaveril.

Em cada dia que passava ia-se aproximando mais, espiritualmente, de Cecília. A rapariga perdera o seu recolhimento bravo de princípio e colaborava agora com o acaso nos seus encontros. O olhar não se esquivava tanto ás inquirições do olhar de Herminio. Ambos conversavam mesmo longas horas com os olhos, num embecimento mútuo sem permuta de palavras, nos oaristos mais ternos, mais eloquentes e mais lindos do mundo.

Uma noite, D. Lucia—era êste o nome da madrinha de Cecília—sentiu-se muito mal. Era preciso chamar o médico. Não tendo criada nem querendo deixar a velhinha só, Cecília tomou a resolução de pedir socorro á vizinhança. A família, em casa de quem

Herminio estava alojado, saíra toda para o teatro. Apenas êle se encontrava no quarto, aprontando uns trabalhos para os exames proximos. Ouvindo bater, abriu.

—Minha senhora...—disse, um tanto surprezo, ao deparar com ela.

—Desculpe... Tenho muito doente a minha madrinha e vinha pedir a estas senhoras o favor enorme de mandarem a criada chamar um médico—sacudida, ofegante, cheia de aflição, informou Cecília.

—Mas, minha senhora, vou eu imediatamente... Mesmo sahiram todos...

Num pronto, abalou. Daí por meia hora, entravam êle e o medico em casa das duas senhoras, e foi Herminio ainda a galgar três, quatro vezes a escada e a rua, aviando os remédios da receita.

Desta circunstância grave saíu aviventada a simpatia de D. Lucia por Herminio. A sua presença nos serões da convalescente tornou-se indispensável daí por deante. E esta aproximação mais estreita de Cecília era a sua maior e mais gosada delicia. Conversavam, jogavam, tomavam um chasinho familiar, num trindade affectiva e íntima.

Em algumas noites os dedos afusados e ducais de Cecília percutiam o teclado branco do piano, fazendo-o cantar, gemer, balbuciar arrebatadoras frases

de paixão, exprimir cenas de amor, comoventes e vividas. Chopin, Liszt, Mozart, Schumann, Grieg, Beethoven, o divino surdo de Bonn que enfeitiçou os ouvidos de todo o mundo, classicos e modernos da literatura musical, tudo ela interpretava com técnica de sabedora e intuição de *virtuose*. A sua beira, Herminio sentia a alma como que unvida dum óleo puro e brando. Perdia o contacto com a terra. Mergulhava no infinito e no inefável.

E foi mesmo a arte sublime dos sons o hífen das suas almas encantadas no comum e mútuo encantamento de amor. Amor mais alto requiere expressão num mais alto verbo. Não lhe basta a humana linguagem, falada por todos e tão mentirosamente ás vezes.

Assim, como permutaram as suas confissões foi num crepúsculo lânguido e místico, naquela saletinha íntima e cheia de móveis antigos, com uma ambiência de capela. Pela janela aberta de par em par entravam a luz do lusco-lusco, dum violeta discreto, e o ar macio e tépido, ambos de companhia afável e carregados de aromas de lilazes e de nardos. Cecilia corria seus dedos sobre a marfinea dentadura de Pleyel sonoro e harmonioso. Não era agora Revel com a *Pavana para uma infanta defunta* nem Grieg com a *Morte de Asa* nem ainda nenhum No-

cturno de Chopin. Parecera enjoar de súbito a música vagarosa e triste, tão sua predilecta até ali. Em sua frente desdobrara a *Marcha Nupcial* de Mendelssohn. E as notas epitalâmicas saídas dos oscuros das suas mãos nas teclas, subiam, subiam, ascensionárias, ressumantes de alegria e de ternura, numa exultação de milagre, de apoteose, de aleluia. ¡Hossana, hossana!

Herminio erguera-se, fóra-se erguendo lentamente, como num êxtase. Cecilia, ao findar o derradeiro acorde, estava tambem de pé.

E, como se os arrebatasse a ambos a sugestão da sagrada melodia, como se a religiosa unção daquele acordes os impregnasse e embriagasse de divina ebriedade, quebraram de repente o amoroso mistério das suas almas, completando, aclarando os oaristos balbuciantes dos seus olhos.

Enlaçando as mãos, murmuraram, um e outro:

— Cecilia...

— Herminio...

E neste falar tão simples tudo disseram. Mendelssohn deixara a partitura incompleta. Faltavam-lhe aquelas duas notas, duma intensa e possessiva beleza, que os dois enamorados inconscientemente lhe haviam acrescentado nessa tarde de revelação do seu amor.

CÉSAR DE FRIAS

Do romance «As grandes nupcias», a sair brevemente.

D senhos de Stuart Carvalhals





« BLOUSE ROSE »

Quadro do pintor português Henrique Franco de Sousa, exposto no «Salon de la Société Nationale» de 1922



111

Vamos agora a saber o que aconteceu ao anão Carantonha, o mais feio de todos os manos. Esse, meteu por uma encruzilhada que ia dar ao mar, e, decorridos dias e dias, chegou a uma praia, onde as areias tinham a cor do fogo. Apesar de ser muito feio, o anão era bastante vaidoso e o seu primeteo cuidado foi ver-se no espelho das águas. Achou-se cada vez mais bonito, e, para matar o tempo, começou a apanhar conchinhas. N'esse entretenimento gastou algumas horas, mas, vendo que não podia ficar por ali, começou a refletir em como havia de atravessar o mar e passar á outra margem, onde realisaria a façanha que lhe competia. A nado, nem pensar n'isso! Mas, era facil achar um meio de transporte. Não havia barcos nem pontes, pois não? Mas para que lhe servia o cabelo verde que arrancara á Feiticeira e que tinha o condão de lhe dar a fórma de qualquer animal? E, logo que assim pensou, o anãosinho, enrolando o cabelo em volta do pescoco, transformou-se n'um lindissimo e gigantesco salmoneite vermelho, o qual, formando pulo, se arremessou ás aguas nadando tão bem como um peixe verdadeiro, o anãosinho começou a sua viagem marítima e estava já quasi a chegar á sua margem fronteira quando se viu rodeado por um grande bando de golfinhos. O anão julgou chegado o seu ultimo instante. «Esses feios animais não concerteza, comer-me!»—dizia ele para as suas barbatanas (como era peixe não podia falar com os seus botões!) Mas qual foi o seu espanto ao observar que os golfinhos, em vez de lhe fazerem qualquer dano, começaram a roçar-se por êle a dirigir-lhe elogios á sua bejeza.

—Como tu és formoso, oh, rubrosalmoneite! Asturias escamas brilham como a prata ao sol! O teu corpo é mais vermelho do que as areias da praia!

—E, tirando rapidamente do bolso aservas milagrosas, entregou-as aos golfinhos. Logo em seguida, calu para o lado, sem sentidos e pronto a morrer. Então os golfinhos, reconhecendo a nobreza d'esse acto, juntaram-se todos por debaixo do seu corpo, e, empurrando-o, fizeram-no subir á superficie das aguas.

—Amigo e lindo salmoneite, porque não desces conosco ao nosso palacio submarino, que é todo construido de corais e tem grandes salões cobertos pelos tapetes verdes das aguas? Vem d'aí conosco.

O anão preferia seguir o seu caminho, mas não se atreveu a ser malcreado com aqueles animais tão amáveis e, precedido por eles, foi descendo até ao fundo do mar. Dentro em pouco, avistaram o palacio dos golfinhos, que era, realmente, d'uma riqueza nunca vista. O anão, ou antes, o salmoneite, viu encontrar todos os golfinhos imersos na maior tristeza. O peixe-

rei tinha sido gravemente ferido n'um combate com uma baleia e estava prestes a morrer. Todos os seus subditos se lastimavam e começaram a pedir ao salmoneite que visse se o podia salvar.

Como tu és um peixe muito esperto, pensámos que talvez te lembrasses de qualquer coisa que salvasse o nosso querido rei—disseram ao anão os golfinhos que o tinham arrastado até ao fundo do mar.

E, em volta do Carantonha, todos os golfinhos fizeram uma grande choradeira, e tais coisas lhe disseram que ele começou a pensar n'umas hervas milagrosas que curavam todas as doenças e que costumava trazer no bolso do seu gibão. Simplesmente, as não podia dar aos peixes, porque, para as tirar do bolso, precisava de se transformar de novo em homem e, sob essa fórma, morreria logo, sufocado no fundo do mar. Enquanto ele scismava em tudo isto, os golfinhos, á sua volta, pediam que lhes salvasse o rei, e, apontando para os filhos pequeninos, diziam a chorar:

—Quem poderá agora ensinar os nossos filhinhos a livrarem-se das redes da pesca e dos ataques das baleias?! Só o rei é que os sabia ensinar! Só o rei que vai morrer!

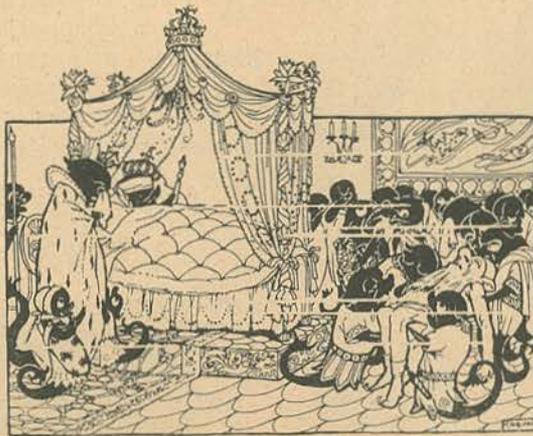
Então, o anão Carantonha que, apesar de tão pequeno, tinha um grande coração, resolveu sacrificar-se e, embora á custa da sua vida, livrar da morte esse bondoso rei dos golfinhos, que era assim adorador pelo seu povo. Recomendou aos peixes que não se assustassem; ele ia aparecer sob a fórma de um homem pequenino, e, logo em seguida, dar-lhe-hia umas hervas que, applicadas sobre os ferimentos do rei, depressa os saravam. Depois o homem pequenino morreria, porque no fundo do mar os seus pulmões não podiam tomar a respiração.

Assim se fez tudo, servindo-se de novo do cabelo

verde, o anãosinho apareceu sob a sua fórma natural, e, tirando rapidamente do bolso aservas milagrosas, entregou-as aos golfinhos. Logo em seguida, calu para o lado, sem sentidos e pronto a morrer. Então os golfinhos, reconhecendo a nobreza d'esse acto, juntaram-se todos por debaixo do seu corpo, e, empurrando-o, fizeram-no subir á superficie das aguas.

Feito isto, foram-no rebocando até á margem, onde o deitaram e só então correram a salvar o seu rei.

O anãosinho, quando abriu os olhos, ficou muito admirado por se encontrar ainda vivo, e, sem querer aventurar-se a mais trabalhos, conscio de que já fizera o que muitos não fazem, partiu ao encontro dos seus irmãos.



THEREZA LEITÃO DE BARROS

(Continua)

(Desenhos de Rachel Gamello Ottolmli)



À porta da Igreja Matriz



Um aspeto da visita do Sr. Arcebispo



O povo acompanhando o Arcebispo para a Igreja Matriz

A visita do Arcebispo de Evora a Viana do Alemtejo

A visita recente do Sr. Arcebispo de Evora a Viana do Alemtejo tomou um aspeto notavel de festa local, pelo entusiasmo e pelo numero de fieis que rodearam, nessa jornada, a figura ilustre do prelado. As nossas fotografias reproduzem alguns momentos dessa solenidade religiosa e popular.

(Cliché do distinto fotografo Viriato de Campos)



Visita a Agualar, à saída da Matriz



A saída da Matriz, entre o sequito da população



ESTRANGEIRO



A conferencia de Genova esteve prestes a terminar com uma scena funebre: a morte, triste e mesquinha, da *Entente*, a interessante aliança franco-inglesa, ás mãos voluntariosas do sr. Lloyd George. Toda a Europa lamentaria certamente o doloroso feito, embora nestes ultimos tempos os *amuos* fossem mais, frequentes nessa *Entente*, do que os idilios.

Foi o caso que a Belgica se recusou a assinar o *memorandum* em que as potencias indicavam á Russia as condições que exigiam para o restabelecimento das relações, e isso porque entendiam que os belgas não ficavam com os seus direitos bem garantidos. Pois o governo francez, após leve hesitação, collocou-se do lado da Belgica, o que fez ter ao sr. Lloyd George um dos seus ataques de *«fureur noire»*.

Ora nessa mesma occasião resolveu ir de visita até á Belgica os monarchas da Inglaterra, o rei Jorge V e a rainha Mary. Não podia o momento ser melhor escolhido. Esperemos todos que o bondoso sorriso da rainha-imperatriz corrija a *gaffe* do sr. Lloyd George.

Não será, com certeza, a primeira vez, nem a ultima, que um sorriso de mulher emende o mal causado pelo genio dos homens...

DE mais, estas viagens dos chefes de Estado, mesmo entre as mais longinquas regiões, vão estando muito em voga. O sr. Millerand andou muito tempo passeando o nome da França por terras marroquinas, por entre turbantes e albarinosos...

E eis que Paris, todo Paris, desde o Paris que faz politica no *Quai d'Orsay* e no *Palais Bourbon*, ao Paris *qui jaze et qui s'amuse*, e se mostra sempre curioso de cousas bizarras, sobretudo metendo monarchas, eis que Paris está encantado com a visita do imperador do Annam, que resolveu deixar por algum tempo a capital do seu imperio. Hué, nas margens do *«rio dos perfumes»*, e o seu harem de belas princezas morenas, e a companhia dos seus letrados e dos seus desenhistas — porque S. M. Khai-Din é voluptuoso e artista — para se banhar na luz da grande cidade.

E as mulheres francêsas poderão

fixar, durante alguns dias, os seus olhares, nos olhos muito negros e enigmaticos do imperador oriental, que gosta d'olhos de mulheres, de desenhar dragões, de sedas e de joias, e nos seus labios, que o monarcha aviva sempre com autentico *báton* importado de Paris, porque S. M. tambem gosta de perfumes, de pomadas, de essencias e de crêmes...



A rainha Mary e a rainha Izabel, de carruagem, em Bruxelas



A residencia do Imperador do Annam, junto ao rio dos perfumes



Miss Ivy Williams, com a peruca dos advogados Ingleses

NA Opera de Vienna d'Austria, centro outr'ora de opulencia artistica e galanteria fidalga, hoje envolvida numa grande sombra de pobreza e saudade, teve um brilhante sucesso um novo trabalho do compositor Strauss, cuja accção, a historia de José do Egypto, foi tirada duma pagina da Biblia.

E' Strauss — o autor da *«Salomé»* — um dos compositores mais ricos e bizarros, e nos seus trabalhos ha fulgurancias de pedrarias, que, porém, muitas vezes se entrecrocavam, não sendo facilmente comprehensíveis para ouvidos não-eleitos. Por isso tem sido muito discutido, o que basta para não passar despercebido do qualquer novo trabalho seu.

A historia do *«feminismo»* já conta mais um triumpho em Inglaterra, embora á custa da *«feminilidade»*...

Nos tribunales britanicos deu entrada a primeira *«miss»* advogada, Miss Ivy Williams.

Ora todos conhecem o apego da Inglaterra á pragmatica e ás tradições; pois devido a esse apego foi discutido e estudado o traje em que a jovem doutora se poderia apresentar no templo da Justiça. Uma commissão de juizes pronunciou-se pela estricte observancia das velhas praxes, e miss Ivy Williams, para exercer a sua profissão, até terá de cobrir os seus cabelos louros com a velha peruca empoadada dos advogados ingleses, a bem do *feminismo*, embora á custa da *feminilidade*...

Houve, porém, quem terçasse armas pela graça da mulher contra a pragmatica. Foi... um tenente-coronel, o sr. C. P. Hanks.

: OS HOMENS QUE MATAM :

TODOS, pela rua, ficaram estonteados quando fixaram aqueles dois olhos luminosos, claros, triunfantes. Eu sentia-me orgulhoso. O seu andar era acariciante, brando, passava em silêncio no asfalto luminoso de Park Lane.

Sorria de prazer. Depois, a sua voz de sereia tentadora fazia-se de quando em quando ouvir; e vultos negros recortados no fundo verde-escuro dos arvoredos tristonhos do Hyde Park, paravam a ouvi-la, e, quem sabe, se não seguiam caminho murmurando uma interjeição de inveja...

Ao Picadilly tão entretidos íamos a conversar que a figura decrepita e ridícula de um velho *cab* se ia chocando connosco. O cenário era das *Mil e uma noites*; miríades de estrelas electricas, uma atmosfera violeta iluminada, o chão a reflectir os renques de luzinhas... E nós corriamos, corriamos...

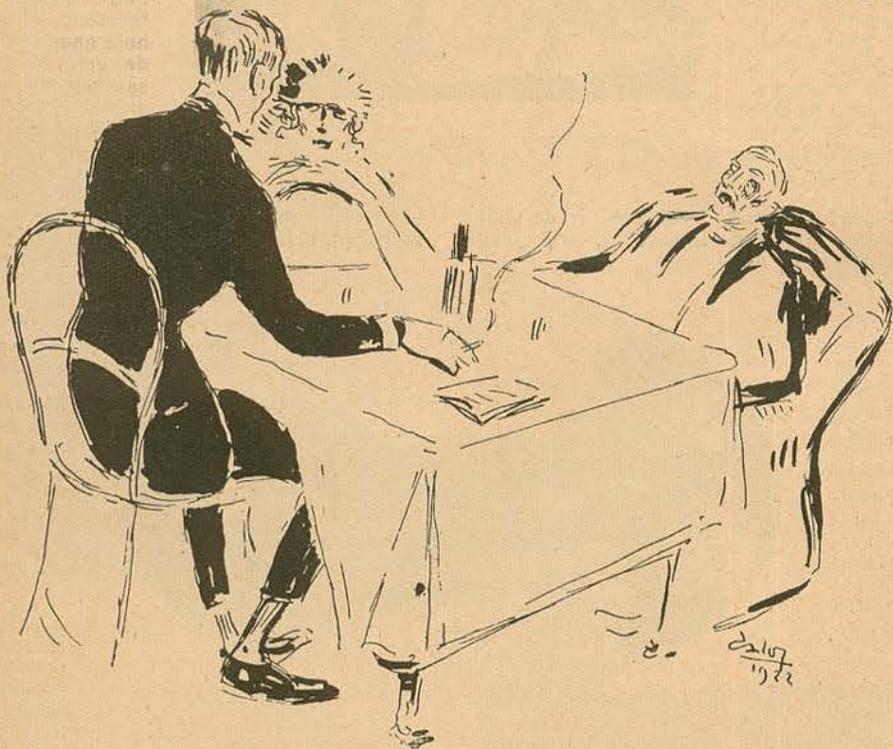
Foi em *Pall Mall*, nesse bêco de elegancias, de-

fica descoberto. São todas iguais; veem nos quadros de Reynolds os seus cabelos louros esparsos, e nos retratos de Gainsborough as suas bôcas, a mordiscar um *bout-doré* tão inocente e futil como elas próprias.

E estaria terminada a minha noite, se, á mesa onde me bloqueei com um velho *Port-wine*, não estivesse agora *Sir Archibald*, cabelo prateado sobre uma pele congestionada, um sorriso patriarcal contrastando com a rigidez das rugas. Setenta anos de sangue saxão equivalentes em versão latina a cincoenta, robustos e pletóricos. Não fuma, não joga, não bebe. Sem vícios, nunca casou. E Jewson, explica a *sir Archibald* que sou engenheiro, e o que ando fazendo no *mare magnum* de Londres.

— Engenheiro — exclama ele — Era a aspiração de meu pai! Afinal fui para medicina. Assim o quis, e para quê? Para ter de desistir... Ah! tudo, tudo menos medico... *Rotten life... rotten life!*

Percebi que *sir Archibald* tinha uma historia.



serto e amortalhado em neblina, que *mr. Jewson* parou o *Rolls*, apagou os faróis e chamou o *groom* para tomar conta do carro. Subimos então a escada feita de sumaúma, embebida de ar morno, e entramos pouco depois nas salas do *S. James Club*.

Esquivei-me a apresentações. Preferia o espectáculo delicioso para os olhos. O *Club* era um pretexto para vir observar os vícios da sociedade inglesa. Mas tão lento era o desenrolar do *film* que no fim de duas horas já não encontrava um motivo novo onde prendesse a atenção. Sob o bafo de fogões crepitantes, num silencio conventual, a sala de jogo; casacas negras, *smokings* mal ageitados, jogam interminavelmente a centessima variação do *bridge*, o *auction*. Os *maples* estendem as pernas e os braços; os *lords* desfazem-se em fumo; os criados impertigados em fardas roxas servem *Ponny* ou *Wiskey*.

A sala das damas é mais curiosa; uma meia dúzia de figuras delicadas, muito vermelhas no alto peito, os colos brancos suprimindo metade dos vestidos muito abertos, sobre os ombros uma *echatpe* a cobrir o que

Quis-lha arrancar. Um inglês nunca tem que contar. *Sir Archibald* era uma excepção. *Sir Archibald* contou:

«Quando, e já lá vai meio seculo, tempo de *Gladstone*, chegou o momento de escolher carreira para mim, não quis acreditar na seriedade do caso. Era um ornamento da *Regent Street*, não faltava pela manhã no *Hyde Park* montando como um *gentleman*, e passava as ferias num *bangaloo* para cima de *Richmond* caçando patos com entusiasmo.

Meu pai queria-me engenheiro. Era no tempo em que no país só se falava em grandes empresas e projectos grandiosos de expansão. Eu preferia uma vida que agradasse aos meus sentidos excitados. Influenciado talvez por um rapaz que me contava as suas aventuras com enfermeiras, lembrando-me mais ainda da liberdade que a mulher confere ao medico do que da sua missão humana, eu preferi esta carreira. Meu pai protestou. Ignoro os motivos. E entre as varias discussões, um dia, lembra-me bem, pronunciou a

frase fatal, que se reproduziu sempre, atrás da minha vida: «os homens que matam»...

Estive em Edinburg; entretanto meu pai morreu, e quando formado vim para Londres era mais para reentrar no meio social do que para exercer as minhas novas aptidões. Montei um belo consultorio, uma sala recheada de utensilios chirurgicos. Creio porém que a minha especialidade residia em entrevistas amorosas, no proprio consultorio; até que um dia por um mau acaso, sou levado com tesouras e ferros para acudir a minha prima, uma encantadora irlandesa que tivera o mau gosto de desejar aumentar a população do Reino Unido. Não se encontra o medico da casa, um especialista está doente e eu vejo-me em face de um marido que implora a vida de sua mulher, de um pai que chora, e de uma criatura que está sofrendo como se expiasse as faltas de todas as mulheres. Hesito, vacilo porque me deparo com um caso gravissimo. Eu sei que não ha senão um remedio: salvar a mãe e perder o filho. O senhor não sabe o que é um aparelho infernal, terrível, que se fez para perfurar um craneo vivo, esmagá-lo, reduzi-lo a um pequeno volume! Para mim era qualquer coisa que escaldava. Senti, quando o apertei nas mãos, que estavam dando a morte a alguém, e fugi horrorizado depois de olhar a bola negra, comprimida, sangrenta que podia ter sido talvez uma bela cabeça, cheia de inteligencia e vivacidade.

O facto é banal porque, a sangue frio, contrabalançaria a vida que conservára com a morte que dá. Deixei porém o consultorio, vivi procurando esquecer-me destas vagas apreensões até que, dois anos depois, novo golpe quebra a minha infeliz carreira. Não pode lembrar-se de um tremendo choque de comboios, ocorrido perto de Newcastle. Eu ia para esta cidade, e escao milagrosamente ao embaite. Sob uma noite de chuva e neve, batida infernalmente por vento é pavorosa a confusão. Os socorros são lentos e dificeis. Para um extremo, sob ferros incandescentes que lhe esmagam totalmente as pernas, encontro um fogueiro vivo, gritando, ululando que o matam. A morte para ele é inevitável; as pernas desapareceram, a parte superior do tronco é a unica que ainda vive, e os olhos, os olhos incendeiam-se a cada movimento. As mãos crispam-se no meu fato. Dentro de uma hora estará morto; não ha possibilidade alguma de o salvar. Mas essa Vida, essa hora de tortura, é um crime que eu não posso consentir. E a voz grita-me:

—«Mate-me... Mate-me. Por piedade... Por humanidade...»

E eu que sou bom, que serei mesmo incapaz de me defender matando alguém, é sob um impulso inédito que puxo da minha pistola e ao olhar reconhecido daquele ente, lhe faço saltar os miolos...»

Houve uma pausa, talvez um arrepio. Mas *sir Archibald* mal teve tempo de golear o seu *Pommery* para logo prosseguir:

«Rugiei-me depois na Irlanda. Ouvia agora, por vezes a frase de meu pai, sem ser de maldição, mas estigmatizando-me o futuro. Numa pequena *cottage* de uma minuscula aldeia pobre, campinas recortadas

retilneamente, de um verde sem manchas, eu passei anos entregue aos meus estudos, dedicando-me a um pequeno laboratorio e sob a estima fraternal dos meus parentes. Mabel, minha segunda prima, aquela que o senhor pode ver debruçada sobre esta mesa em frente, preocupava-me as horas de ocio. Eu era um solteirão, semi-idoso, ela uma primavera; estimava-a como uma filha, e foi por ela que pela 5.^a vez... matei. Desta vez a sangue frio e um homem em plena vida.

Mabel havia tido a pouca sorte de cair nas graças amorosas de um incorrigível ocioso, mau, obstinado, com todo o espirito sanguinario de um filho da Irlanda. Note que eu ponho de parte a minha situação de inglês: John era com efeito um mau irlandês. Quando Mabel passou os seus 20 anos nas primeiras liberdades dum futuro enlace com William, o seu escolhido, John disparou sobre este um revolver, numa sede de sangue, num desvaimento de ciume. John foi condenado a desaparecer da nossa socegada aldeia.

Na vespera do casamento, quem vejo porem chegar ao meu laboratorio, em desalinho, o rosto contraído, tremulo, receoso como um fugitivo? John. Como sou o unico medico da pequena aldeia vem suplicar-me um calmante para as nevralgias que lhe tomam a cabeça. O seu sofrimento fisico é horrível. Entretanto eu procuro desvendar os intuitos da sua vinda naquele dia. Acirro-o, falo-lhe do casamento de Mabel, até que ouço da sua boca, contraída em dor e raiva, uma vaga ameaça.

— Quem sabe se chegam a casar... Se Deus não o quiser...

Depois entrou no caminho das confidencias, mostrou-me a sua vida despedaçada por sua culpa e claramente afirmou o seu odio, o seu mortal rancor a Mabel e ao noivo.

Eu sei que podia talvez prevenir das suas tenções os meus parentes, que podia manda-lo seguir e prender, mas não tive senão um gesto. Estava predestinado. Tinha que ser. Quando me pediu com sofredão o calmante ás suas dores, eu troco os frascos e vejo-o devorar sequioso uma porção de acido cyanidrico. Minutos depois baqueou. Eu suspirei de alivio e fiquei tranquilo, como tranquilo sempre continuei nos interrogatorios a que me sub-

meteram. Ficou provado que John no auge do seu desespero se suicidara.»

Mabel num *decollete* avantajadamente britânico vem até nós, e como se tivesse ouvido a nossa conversa, diz-me, apontando *sir Archibald*, congestionado, quasi a esparrinhar vermelho pelas maçãs do rosto:

— Não creia nele! E' o maior impostor de Londres. Como medico a sua unica corôa é ter-me salvo a vida...

Fiquei naturalmente boquiaberto, surprizo, porque *Archibald* atalhou, sem alterar a voz:

— Aos 8 anos... uma bronquite sem importancia...

E a vida futil, o torneio de palavras, uma valsa de Joyce, vieram acabar aquela noite em *S. James*, sem que eu voltasse a saber se ha realmente no livro do destino homens cuja missão é salvar — matando...

ARMANDO FERREIRA

(Desenhos de Carlos Carneiro)



A ESCOLA D'ARTE CINEMATOGRAFICA



Um grupo de conjunto. Ao centro, o ilustre professor e *metteur-en-scène* Rino Lupo. De pé, os alunos Carlos Deus, Manoel Fernandes, Alexandre Amôres, Augusto Moreira, João Passos, Manoel Rios, Claudio d'Oliveira, Francisco Pereira, Armando Lopes. Da esquerda para a direita. Sentados, os alunos Feliciano Vasconcelos, Amílcar de Sousa, José da Fonseca e Luiz Valente de Freitas.



O grupo das alunas da Escola d'Arte Cinematografica. De pé, da esquerda para a direita: Paqueta Hurtado, Flora Frizzo, Odilad'Abreu e Alda d'Oliveira. Sentadas: Isaura Pereira, Júlia de Bengueheira, Branca Rochetti, Armerlinda Brandão e Dulce Castanheira.



O INCENDIO NA ROCHA DE CONDE D'OBIDOS.—O guindaste que foi destruido pela explosão duma granada e era uma das mais poderosas maquinas no genero



O sr. Pedro da Costa e a sr.^a D. Lucinda d'Oliveira, cujo casamento recentemente

67.00
 40.00
 200.00
 10.00
 200.00
 517.00
 10.50
 527.50
 90.00

se realisou, saindo da igreja, após a assinatura do contrato nupcial.

■ CRITICA ■ ILUSTRAÇÃO



Dr. Carlos Pires de Lima da Fonseca

IN MEMORIAM A EÇA DE QUEIROZ, organizado por *Eloy do Amaral e Cardoso Marta*—Eça de Queiroz é uma das minhas grandes devoções literárias. Ele possuía uma qualidade que eu admiro, nos escritores, como uma das mais altas: a elegância. E' claro que, além da elegância, deve haver—a força. Eça tinha a elegância e tinha a força. Ter só a força não custa. Muitos a conseguem dar nos seus escritos, muitos a querem dar nas suas tentativas. Mas é difícil, é raro, é maravilhoso, reunir ao poder intelectual, a intensidade descritiva, ao vigoroso policromatismo d'estilo—essa elegância, que é harmonia, bailado, esbelteza, espirito, interesse, beleza. Eça de Queiroz—repi-to-o—tinha a elegância e tinha a força. Era uma espécie de Zola—vestido por Brummel. Por isso eu o admiro, por isso guardo para ele o relevo da minha preferência.

O *In memoriam* a Eça de Queiroz era-lhe devido ha muito como um dos mais belos e mais expressivos escritores portugueses de todos os tempos. Eça de Queiroz merece bem essa coleção de paginas de homenagem sobre a sua obra, a sua personalidade, a sua influencia, a sua aspiração. Reuniram agora essas paginas duas figuras consideradas do nosso meio literario: Cardoso Marta e Eloy do Amaral. Resultou um grosso volume interessantissimo, rico de notas ineditas e de gravuras pitorescas sobre o grande romancista de «Os Maias» e da «Cidade e as Serras». Entre as pessoas que escreveram neste *In memoriam*, citarei Afonso Lopes Vieira, Gomes Leal, André Brun, Philéas Le-

besgue, Mateus de Albuquerque, Justino de Montalvão, Lopes de Mendonça, Silva Gayo, Sousa Costa, Manuel de Sousa Pinto, Raul Brandão, Miguel d'Unamuno, Antonio Patricio, Gonzalez Blanco, Antonio Sardinha, Forjaz de Sampaio, José Sarmento, João Cabral do Nascimento e Correia da Costa. Estes nomes são garantia de curiosos e valiosos estudos dignos da memoria illustre do admiravel esteta heraldico da prosa.

*

NA ENCRUZILHADA (romance) por *Carlos Pires de Lima da Fonseca*. Ao passo que hoje, a literatura para muitos se tornou um frivolisimo e uma *póse*—para alguns ela é um exilio e um apostolado. O dr. Carlos Pires de Lima da Fonseca—autor d'um belo livro simbolista, «*Almas de Lenda*», d'um volume de prosas «*Ruinias*», de varias peças de teatro e varias conferencias—é dos que assim a entendem. Na *Encruzilhada*, romance do Portugal hodierno, com um pé no cosmopolitismo e outro na raça, com uma alma onde se joga o conflito da fé luziada e do opio estrangeiro—põe, com energia sobria, o problema moral e torna-se um forte depoimento de renascença e de confiança.

As figuras são, todas elas sinteses de temperamentos e de correntes que esfarrapam a psicologia atual da nossa *élite*, estilizando todas as ancoras, desarticulando todos os musculos.

Na *Encruzilhada*—romance em cartas—se é uma obra notavel pela intenção, não o é menos pelo estilo, masculino, pictural, com largos tons d'agua forte violenta.

JOÃO AMEAL

*

PARA ONDE VAIS, MARIA? por *Manoel de Sousa Pinto*.

Um vigoroso desforço da literatura e das crônicas da provincia sobre o cançado chá lisboeta. E' o Minho colorido e estrelajante, é Coimbra a triste—«A Florença dolente do camoneano Mondego»—é a Extremadura ensoalheirada das romarias, das hortas e dos farneis—é todo Portugal n'um triptico de artes ritmicas, o Canto, a Poesia e a Dança, caracterizando o seu espirito lirico e festivo.

O sr. Manoel de Sousa Pinto, romancista e estudioso d'arte, grande apostolo da supremacia estetica da Dança é da Creação dos bailes portugueses, reúne no *Para onde vais, Maria?* uma sé-



Dr. Antonio Ferrão

rie de antigas crônicas escritas d'aquelas provincias, por onde começou a sua peregrinação e o seu apostolado. Conservadas na espontaneidade com que foram escritas, sem alteração de maior, não lhes posso louvar as qualidades literárias que diferem muito das do escritor de hoje, que os leitores de *Ilustração Portuguesa* muito bem conhecem e comigo admiram. Fixam, porém, uma das «*étapes*» da sua sensibilidade e caracterizam uma das suas atitudes deante das inumeras situações literárias da vida.

*

ESTUDOS DE PEDAGOGIA pelo dr. *Antonio Ferrão*. Não é a primeira prova que o sr. dr. Antonio Ferrão presta do seu interesse e da sua escrupulosa consciencia em estudos de educação. Não lhe merecem menos paixão estes que os de bibliografia. Hoje manda-nos dois folhetos apresentados ao congresso de educação popular: um sobre *A educação intelectual e a função que n'ela devem desempenhar a familia, o municipio e o Estado*, expondo as teorias de Weisengrun e de Lichtemberger e estudando os caracteres da pedagogia contemporanea; o outro sobre *O teatro e o animatografo na educação*, ocupando-se do papel educador, entre nós ainda incompreendido, do teatro e do animatografo e da ação demolidora que a cada passo estamos verificando, pelo desvio das suas intenções e pela falta de uma censura moral e artistica que o autor propõe e que a indiferença geral não julga indispensavel.

RUY DE VERAS

A BELEZA É ETERNA

para quem usa os produtos da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA e faz as massagens ou compra os aparelhos electricos indicados. E' a unica casa em Portugal onde se fazem tratamentos serios. Todas as senhoras que se prasam devem experimentar uma só massagem para confronto, e os seus produtos para os fins desejados a seguir

Depilatorio electrico radical e inofensivo: o unico que tira progressivamente os pelos para sempre, O MELHOR DO MUNDO.—**Descamação artificial:** o processo mais moderno de rejuvenescimento, com a mascara de beleza; tira manchas, sardas, rugas, vermelhidão e todas as imperfeições da pele.—**Productos de Lirio florentino:** tiram os pontos pretos do nariz e rosto.—**Productos elosmeny:** contra a verme hídrico do nariz e rosto; resultados seguros.—**Productos d'Acacia:** para curar a gordura e luzidio da pele, dando-lhe um aveludado incomparavel.—**Productos Civette:** fecham os poros, tornando a pele unida e fina.—**Productos Yildizienne:** para fazer crescer e alongar as pestanas e sobrancelhas, curando todas as inflamações.—**Productos Mesdjem:** para a toilette das unhas, com uma lição e para os cuidados das mãos.—**Productos Mizabilia:** para fazer desaparecer as rugas e rejuvenescer.—**Productos Staffe:** para emagrecer o rosto ou o corpo.—**Productos Orion:** para engordar o rosto ou o corpo.—**Productos electrico:** para diminuir ou desenvolver e enrijecer os seios; resultados em 3 tratamentos.—**Productos Yildizienne:** para a beleza e conservação dos dentes sãos e contra os dentes descarnados.—**Productos Rainha da Hungria:** fazem a beleza e hygiene da cuis, evitam rugas e todas as doenças de pele.—**Productos contra acnés:** ainda que as mais antigas.—**Productos sudorificos:** contra a transpiração do rosto, corpo e pés.—**Productos Mesojem:** contra os joanetes, olho de perdis e calos.—**Productos Imperatriz:** branqueia a pele naturalmente, ainda que muito morena.—**Productos esmalte:** branqueia a pele artificialmente sem se conhecer.—**Cremes de massagem, medica e estetica:** para emagrecer ou para engordar o corpo ou rosto.—**Productos de grande beleza:** para as faces, labios, olhos, boca, cabelos, mãos unhas, seios, toilette intima e grande toilette, etc., etc.—**Saes para banho e sabonetes,** pós de talco, vinagres de toilette, etc., etc.—**Productos Kaskarina:** para tirar

verrugas.—**Balsamo Yildizienne:** para tirar os sinaes das beixas e todas as cicatrizes adherentes ou chloides.—**Scham pões para lavar a cabeça:** especies para as diferentes cores do cabelo, evitando e tirando a caspa, fazendo-os crescer.—**Productos Yildizienne:** para pintar os cabelos em todas as cores e recolora-los naturalmente sem pintar, curando a canice, calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.—**Brilhantinas especies para usar com estes productos:** para fazer e favorecer a ondulação Marcele, para desfrisar os que são excessivamente naturalmente frisados.—**Regenerador Masdjem:** para corar os brancos em 8 dias.—**Pós d'arroz scientificamente preparados para cada natureza de pel:** cooperosica, fiacada, seca, gorda, vermelha, rugosa, ezematosa, com sardas, pontos negros, herpética, com verrugas, com manchas, etc., etc.—**Alcoolatos:** para queimar, perfumando e desinfectando os apentos.—**Aparelhos electricos, vibratorios e de alta frecuencia:** abricados especialmente para o metodo de massagem estetica e medica empregado por Madame Campos, com catálogos ilustrados ensinando todos os tratamentos.—**Aparelhos especies:** para corrigir os defeitos esteticos do nariz, das faces, da segunda barba, etc., etc.—**Aparelhos:** para afinar os dedos e tirar os joanetes.—**Aparelhos:** para o desenvolvimento e enrijamento dos seios.—**Aparelhos:** para os douches dos olhos contra as ruas, fraqueza da vista, olheiras, papos nas palpebras e para dar brilho aos olhos.—**Pentes e escovas electricas:** para curar a calvice e fazer crescer o cabelo.—**Espania electricas:** para massagens.—**Estojos:** para unhas e todos os itensilios para manucure.—**Pulverisadores a vapor:** cont. as rugas, para fechar o poros e contra doenças de pele, Lampadas de luz para o tratamento da pele.—**Aparelhos Orion:** para a massagem manual, Escovas para a massagem pessoal do corpo, com electricidade e sem electricidade.

Academia Scientifica de Beleza
Avenida da Liberdade, 25— LISBOA

DESCONTOS AOS REVENDEDORES. Vendas por grosso e a retalho. Telefone 3-641-N. Teleg. Belazak. Resposta mediante estampilha. Catalogos Illustrados com todos os tratamentos e productos a \$100

Instituto Nacional
de
Ensino por Correspondência

TRINDADE COELHO N.º 6
LISBOA

Em qualquer dia do ano pode requisitar-se matricula nos cursos de Escriuração Commercial e Contabilidade professados neste Instituto.

O Instituto envia gratuitamente, a quem as pedir, as condições para a matricula nos cursos referidos e uma brochura em que se acham descritas as vantagens do ensino por correspondência, comprovadas por numerosas cartas de alunos que já fizeram os seus cursos.

O Instituto tem alunos em todo o mundo, ilhas, colonias e estrangeiro, e lecciona por correspondência (mesmo aos alunos que residem em Lisboa) o ensino por correspondência, o qual é feito no mesmo Instituto, e oferece vantagens que o ensino em classe não pode oferecer.

Água amarela

Remedio que mata rapidamente todos os parasitas da cabeça e corpo. Restore lendeas e limpa a caspa.
Preço \$500, pelo correio \$800

Deposito geral FARMACIA SIMÕES
Rua Infante D. Henrique, 54
A S. THOME — LISBOA



do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao esporte tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A' venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 5\$00. Correio, até dois frascos, mais 50 centavos. Deposito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Loanda: Serra, Annes & Irmão

A GRANDE TERAPEUTICA

EMONEURA

TONICO INCOMPARAVEL

Estimula, desperta, tortifica e engrandece a saúde. E' a providencia unica dos organismos combalidos. Sob a sua influencia, os tecidos musculares e nervosos recuperam todas as suas propriedades; sob essa bemdita influencia, engrandecem-se as forças da medula espinhal e de todo o sistema nervoso-cerebral e do «grande simpático», sendo assim o EMONEURA um remedio efficacissimo da neurastenia. Actua em todos os casos em que ha desmineralisação do organismo ou enfraquecimento geral. Por isso, combate com exito a tuberculose, o linfatismo, a anemia, o escrofuloso, a clorose, a diabetes, os suores nocturnos, as afecções osseas, as hemorragias, o paludismo, o emagrecimento, a prostração fisica e intelectual, as perdas seminais, a prisão de ventre, a palidez, a debilidade senil, etc.

NÃO TEM DIETA DE ESPECIE ALGUMA.

TODA A CLASSE MEDICA DO PAIS O PREFERE E O PRECONISA COMO GRANDE MEDICAMENTO-ALIMENTO.



PREÇO, 3\$50

DEPOSITARIOS — Raul Gama — *Rua dos Douradores, 31* — Naar Bensliman & C.^a, L.^a — *Rua dos Correeiros, 110, 2.º*.

PORTO — Lourenço Ferreira Dias — *Rua das Flores, 157*.

LOANDA — Serra, Annés & Irmão L.^a

DEPOSITO GERAL — Manuel J. Teixeira.

101, RUA POÇO DOS NEGROS, 101-A — LISBOA